

# Bomba H

JORNAL DO BRASIL

06 SET 1998

Enquanto o candidato Enéas, cavalcando projeto de bomba atômica, desfruta de um quarto lugar conquistado a impropios na televisão, o empresário Antônio Ermírio de Moraes dá um salto tecnológico para ilustrar uma hipótese apocalíptica: eventual (e improvável) vitória de Luís Inácio Lula da Silva teria "efeitos devastadores" de Bomba H na vida brasileira.

À primeira leitura, a declaração do vice-presidente da Votorantim (que não fabrica bombas de hidrogênio) pode parecer implicância de empresário para deixar o candidato do Prona em situação de inferioridade. Antônio Ermírio valeu-se da bomba H como argumento de avaliação de risco político e não como arma de propaganda eleitoral. Em março, o empresário participou como candidato especial do seminário do PT sobre "um projeto de desenvolvimento para o Brasil". E tem visão crítica sobre a política do governo Fernando Henrique. Logo, é insuspeito.

Não sendo competição belicosa com esse estridente doutor Strangelove do Prona, nem lança-

mento de petardo sobre a candidatura do PT, a comparação de Antônio Ermírio deve ser entendida no contexto pós-eleitoral, que começa com a hipótese mais improvável, pois a candidatura Lula está muito para trás nas intenções de voto dos eleitores. Diz o empresário que a crise internacional é verdadeiro terremoto, cujo epicentro se encontra na Rússia. O Brasil é mais embaixo.

Ressalva o vice-presidente da Votorantim que a situação crítica se localiza acima de qualquer esperança eleitoral e ninguém pode iludir-se: "A crise é para todos os candidatos. Quanto mais preparado for o presidente, menor a chance de catástrofe." Se entrar um despreparado, diz o empresário, "numa situação delicada como a atual, aí sim vem uma bomba H sobre o país". Lula, a seu ver, "boa pessoa e bom candidato", compete em desvantagem. Com a declaração de Antônio Ermírio, o Brasil supera a discussão eterna a respeito de fabricação da bomba atômica. Entrou direto na de hidrogênio.